

# Universidade

# Livre

Telefone n.º 4322

*Instruir é construir.*

V. HUGO

*A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.*

G. HAUBERT

## BOLETIM MENSAL

### SUMARIO:

#### CONFERENCIAS E LIÇÕES

##### NA UNIVERSIDADE

EXCERPTOS DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO SNR. JOSÉ SIMÕES COELHO, AGENTE COMMERCIAL DO GOVERNO PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL.

*O Brasil sob o ponto de vista sociologico* ..... Pag. 219

#### UNIVERSIDADE POPULAR

DE PARIS » 224

QUESTIONARIO ..... » 231

*Balancete do mes de Dezembro de 1915* ..... » 232

ANO II

N.º 24

DEZEMBRO DE 1915

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.



# Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

**Preço, 1 Escudo**

Desconto aos socios



## Universidade Livre

Cursos nocturnos e permanentes de

**Português**

**Francês**

**Inglês**

**Contabilidade**

**Arithmetica**

**Calculo comercial**

**Geografia**

**Caligrafia**

**Taquigrafia**

**Dactilografia**

**Modelação**

**Desenho**

**Esperanto**



# CONFERENCIAS E LIÇÕES

## NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

### O Brasil Contemporaneo

Excerptos das conferencias realizadas na Universidade Livre de Lisboa  
em 11, 18 e 25 de Abril de 1915 pelo Snr. José Simões Coelho  
Agente Commercial do Governo Portuguez na America do Sul

#### O BRASIL SOB O PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

«Deante da sua figura insolúvel e dúbia, os revolucionarios apprehensivos traçavam na tarde de 11 de novembro o ponto de interrogação das duvidas mais crueis, e ao meio dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos maximos enthusiasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicavel.

«Sobretudo explicavel. O seu prestigio nascera paradoxalmente antes da revolução. Sabia-se, ou conjecturava-se, que sobre o regimen condemnado velava, imperceptivel, aquella astucia silenciosa, formidavel e cauta, contraminando talvez dentro do proprio exercito o traço subterraneo da revolta; ou acompanhando-o talvez, linha por linha, ponto por ponto, n'um paralelismo assombroso, e no prodigio de conspirar contra a conspiração, ajustando soturnamente o rigorismo da lei ao lado da rebeldia incauta, de modo que esta, ao estalar, tivesse de improviso, em cima, irrompendo da sombra, a mão posante que a jugularia.



«Esta duvida, ou dolorosissima suspeita — sabem-nos todos os revolucionarios, embora muitos a negassem depois — era a mais inhibitoria incerteza entre tantas outras que nos manietavam.

«Revela-o um incidente inapreciavel como muitos outros, porque o 15 de novembro foi uma glorificação exagerada de minucias: Na vespera daquele dia, ás 10 horas da noite, toda a segunda brigada, em plena revolta, se fórma e apronta para a marcha. Mas antes de a realizar succedeu o facto ilogico e inverosimil de seguir um capitão mandado pelos chefes revolucionarios, a participar o acontecimento ao proprio ajudante general de exercito, ao marechal Floriano. Por um impulso identico ao do criminoso que segue, num automatismo doentio, a confessar o crime ao juiz que o apavora, a conspiração denunciava-se. Atirava aquella cartada arriscadissima; iludia o temor do adversario procurando-o; trocava a expectativa do perigo pelo perigo franco.

«Mas nada conseguiu. Deante do official rebelde que viera de S. Christovão a procural-o, encontrando-o na unica sala que se destacava illuminada no vasto quartel do campo de Sant'Ana imerso na mais profunda treva — o marechal Floriano appareceu ainda mais indecifrável. Determinou com a palavra indifferente de quem dá a mais desvaliosa ordem a uma ordenança, que se desarmasse a brigada sediciosa. Mas não fez a recriminação mais breve ou trahiou o mais fugitivo espanto; e não prendeu o parlamentar indisciplinado que ao sair adivinhou, adensados no escuro, dentro, no vasto pateo interno, todos os batalhões de infantaria, com as espingardas em descanso e de bayonetas caladas onde se joeirava, salteadamente, em subitos reflexos, o brilho das estrellas...

«A consulta á esphinge complicára o enigma. Como interpretar-se aquella ordem apenas balbuciada pela primeira auctoridade militar rodeada da parte mais numerosa da guarnição que os regimentos levantados iriam encontrar vigilante e firme nas formaturas rigorosas?...

«A revolta desencadeiou-se nesta indecisão angustiosa, e foi quasi um arremesso fatalista para a derrota.

«Porque a victoria foi uma surpresa; e desfechára-a precisamente o homem singular que equilibrára até ao ultimo minuto a energia governamental e a onda revolu-



cionaria — até transmutar a propria infidelidade no fiel unico da situação, de subito inclinado para a ultima.

«Este golpe theatral, deu-o com a impassibilidade costumeira; mas foi empolgante. Minutos depois, quando deante do ministerio vencido o marechal Deodoro alteava a palavra imperativa da revolução, não era sobre elle que convergiam os olhares, nem sobre Benjamin Constant, nem sobre os vencidos — mas sobre alguém que a um lado, deselegantemente revestido de uma sobrecasaca militar folgada, cingida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquilo com uma serenidade imperturbavel. E quando, algum tempo depois, os triumphadores, aneando pelo aplauso de uma platéa que não assistira ao drama, sahiram pelas ruas principais do Rio — quem quer que se retardasse no quartel general veria sahir de um dos repartimentos, no angulo esquerdo do velho casarão, o mesmo homem, vestido á paizana, passo tranquillo e tardo, apertando entre o medio e index um charuto consumido a meio, e seguindo isolado para outros rumos, impassivel, indifferente, esquivo...

«E foi assim — esquivo, indifferente e impassivel — que ele penetrou na Historia. Vimol-o depois, de perto, na conspiração contra o golpe de estado de 3 de novembro.

«A sua casa no Rio Comprido era o centro principal da resistencia. Ia-se para lá de dia, em plena luz: nenhuns resguardos, nenhuma dessas cautelas, e ancias, ou sobresaltos, com os quaes numa conspiração se romaneciavam os perigos. Os conspiradores iam, prosaicamente, de bonde; saltavam n'um portão, á direita; galgavam uma escada lateral, de pedra; e viam-se a breve trecho num salão modesto, com a mobilia exclusiva de um sofá, algumas cadeiras e dois aparadores vasios. Lá dentro, janelas largamente abertas, como se se tratasse da reunião mais licita, rabeava ferozmente a rebeldia: gisavam-se planos de combate; balanceavam-se elementos, ou recursos; pesavam-se incidentes minimos; trocavam-se alvitres, denunciavam-se transfugas, enumeravam-se adeptos, e nas palestras esparsas em grupos febricitantes vibrava longamente este enthusiasme despedaçado de temores que trabalha as almas revolucionarias.

«De repente, uma ducha enregelada: aparecia o ma-



rechal Floriano com o seu aspecto característico de eterno convalescente e o seu olhar perdido cahindo sobre todos sem se fitar em ninguém. Sentava-se, vagarosamente; e no silencio, que se formava de subito, lançava uma longa e permenorisada resenha dos achaques que o victimavam. Era desalentad r.

«Passado, porém, aquele sobresalto invertido, aquela quietude alarmante e aquela calma impertinente, mais cruciante do que a anciedade anterior, renovava-se a agitação; — e no gisarem-se planos, no balancearem-se recursos, no pesarem-se todos os incidentes, no contraposto, no revolto, no desordenado dos dialogos esparsos, ou cruzando-se, ou afinal fundidos na palavra unica de alguém que atirava, de golpe, entre os grupos, uma noticia emocionante, naquele tumulto, o homem que era a nossa esperança mais alta lançava avaramente um monosyballo, um *não* apagado, um *sim* impreceptivel no balanço fugitivo da cabeça, ou abria a encruzilhada de um *talvez*...

«Saia-se jurando que estava na sala um traidor, impossibilitando-lhe o livre curso das ideias. Porque, isoladamente, a cada um dos que lá iam, elle se manifestava com a sua lucidez incomparavel.

«Acceitava-nos um a um; repelia-nos unidos. E a pouco e pouco naquele retrair-se cauteloso, naquele escorregar precavido sobre todas as questões que se lhe propunham na reunião revolucionaria, tão diferente do firme, do definido e do claro de pensar que, parceladamente, manifestava a cada um dos que a constituíam, ele foi infiltrando na conspiração a sua indola retractil e precatada. Por fim — confiava-se no melhor companheiro da vespera... desconfiando.

«E' natural que a trama sediciosa se alastrasse durante vinte dias, inteiramente ás claras e imperceptivel; e que ao irromper a 23 de novembro o movimento da Armada — simples remate theatral da mais artistica das conspirações — o marechal Floriano, immutavel na sua placabilidade temerosa, seguisse triumphal e tranquilo para tomar o governo, «obedecendo» a um chamado do Itamaraty, espantosamente disciplinado no fastigio da rebeldia que alevantára — e indo depor o marechal Deodoro vencido, com um abraço, um longo e carinhoso abraço, fraternal e calmo.



«Conta-se que ao estalar a revolução de 6 de setembro, no meio do espanto, e do alarme, e do delirio de adhesões e entusiasmos, que para logo repontaram de todos os lados, gerando aquella angustiosissima comoção nacional culminada pela loucura tragica de Aristides Lobo — conta-se que o marechal Floriano requintára na proditoria quietude.

«Impassivel naquelle estonteamento, surperpoz ao tumulto o seu meio sorriso mecanico e o seu impressionador mutismo.

«Num dado momento, porem, abeirou-se de uma das janelas do palacio abertas na direcção aproximada do mar; e ali ficou um minuto, meditativo, na attitude habitual da sua apathia enganosa e falsa...

«Depois alevantou vagarosamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto onde se adivinhavam os navios revoltosos, no gesto trivial e dubio de quem atira de longe uma esperanza ou uma ameaça... Traçou naquele momento o molde da sua estatua. Nenhum esculptor de genio o imaginará melhor, a um tempo ameaçador e placido sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetravel, desdobrando silenciosamente, deante do assalto das paixões tumultuarias e ruidosas, a sua tenacidade incoercivel, tranquila e formidavel.»

---



## Universidade Popular de Paris

Nos grandes centros intellectuais tanto da Europa como das Americas existem de ha muito as instituições designadas sob o nome de Universidades Populares cuja missão principal, como os leitores decerto já não ignoram, consiste na pratica da Extensão Universitaria, ideal este que dia a dia vai ganhando novos e entusiasticos adeptos no nosso meio intellectual.

Dentre essas instituições é justo destacar a Universidade Popular de Paris, sita no Faubourg Sant Antoine o centro operario onde pulsou sempre mais forte o coração revolucionario do povo de Paris.

Tão estreita e familiar é a convivencia entre os directores dessa benemerita instituição e o povo operario que frequenta as suas aulas, que este de ha muito se habituou a considera-los como os seus mais dedicados dirigentes intellectuais.

Foi assim que, após a declaração de guerra e o decreto de mobilisação geral em França, os operarios daquele populoso bairro, expontaneamente se dirigiram aos directores da Universidade Popular, pedindo-lhes que lhes indicassem qual o meio seguro de não deixarem os filhinhos ao abandono, visto que ou eram viuvos ou estavam separados de suas mulheres.

Mr. Emile Vitta, em nome dos seus colegas do Conselho de Administração, imediatamente toma a patriotica resolução de admitir sob a protecção da Univerddade esses pequenos, permitindo deste modo aos pais que cumprissem os seus deveres de soldados sem a aflitiva preocupação da miseria e do abandono em que ficariam os seus entes queridos.

Com este gesto foram abertos os alicerces para a constituição da *Association National des Orphelins de la*



*Guerre*, que hoje protege milhares de creanças, de todas as idades, francezas, belgas e servias, funcionando d'uma maneira tão inteligente que honra o espirito organisador dos seus directores.

Se é louvavel o amor patriotico que se revelou na criação de tão bela instituição, não é menos belo e admiravel o espirito de solidariedade que foi a sua principal causa e que sobremodo honra a pratica e arguta orientação do Corpo Directivo de Universidade Popular de Paris.

E' com obras destas que se estreitarão de cada vez mais os laços de fraternidade entre a humanidade e são as obras desta natureza que constituem o lema e a divisa de todas as Universidades Populares do mundo. Serão elas as grandes alavancas com que os pioneiros das Sociedades futuras derribarão os odios de raças e de classes e abalarão profundamente a indiferença criminosa das Sociedades actuais em presença dos mais instantes problemas sociais.

Perante tão grandiosa obra social, a Universidade Livre de Lisboa, não podia conservar-se indifferente e por isso resolveu manifestar aos seus colegas de Paris a sua admiração, por um acto de solidariedade que traduzisse claramente os seus sentimentos de amizade e confraternisação intelectual.

Para esse efeito foi aberta uma subscrição entre os socios e amigos da Universidade Livre, e é-nos sobre modo agradavel registrar que a mulher portugueza não desmentiu o seu tradicional affecto e carinho perante as desgraças alheias pois que os primeiros cooperadores a inscreverem-se foram as alunas D. Aurora da Purificação Silva, D. Alice C. Freitas. D. Alice da Silva, D. Eugenia Martins e D. Isaura Santos, que ofereceram varios agasalhos para as creancinhas. Grande foi o numero de alunos que sollicitamente acorreram ao apelo do Conselho Administrativo e seria fastidioso fazer a enumeração dos seus nomes; não deixaremos entretanto de registrar, com os nossos agradecimentos, o nome do Sr. Jayme Regueira que foi o principal angariador de donativos.

Dos amigos da Universidade Livre destacaremos o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Fontalva que com generosa fidalguia fez uma dadiva em artigos de lã que bastante valorizou a subscrição.

Aqui testemunhamos a sua Excelencia e a todos os



que secundaram a nossa iniciativa, os nossos profundos agradecimentos.

A título de elucidação bastante interessante reproduzimos o original dum artigo do «Figaro» de 20 de Outubro de 1914.

Aux premiers jours de la guerre, des ouvriers du faubourg Saint-Antoine accoururent à l'Université Populaire: «Nous sommes mobilisés, dirent-ils à M. Vitta et à ses amis, nous partons. Mais qui va s'occuper de nos enfants? Nous sommes veufs, quelques-uns divorcés. Nous n'avons personne qui puisse les garder. Où coucheront-ils? Que mangeront-ils? Que deviendront-ils? Et si nous ne revenons pas, nous qui partons ce soir?

Emile Vitta et ses amis se regardèrent. On n'était pas à l'heure de réunir des papiers, de s'en aller prendre la file des visiteurs aux portes des Administrations. S'adresser à l'Assistance Publique, à la Municipalité en des journées pareilles de surmenage? Et les pères qui devaient aller, tout de suite, à la gare de l'Est! — Confiez-nous les petits, dirent-ils spontanément, nous vous les garderons, nous vous les soignerons bien.

Un gros soupir, un gros baiser. Ce fut fini. Dans le même soir, les papas, la musette à l'épaule, rejoignirent leurs régiments, et les petits enfants furent recueillis par les ménagères du faubourg qui les installèrent dans les lits abandonnés par leurs maris ou leurs garçons.

Il y eut dix enfants, puis vingt, trente, cinquante. Devant cette affluence, l'Université Populaire s'en fut louer à Etretat un hôtel vide de ses baigneurs. La colonie était fondée.

Aujourd'hui, elle comprend plus de 450 enfants. Les appels successifs de territoriaux, l'évacuation de la grande banlieue, l'invasion ont fait affluer tant de petites familles que le grand hôtel Hauville est plein, que des villas ont été occupées de semaine en semaine, de panique en panique. Alors que tant d'œuvres nées du grand élan de générosité et de solidarité nationales périlclitaient sous le coup des départs hâtifs, on se serrait davantage à Etretat. Le Comité du Secours national et le Ministère de l'Instruction Publique contribuaient aux dépenses si hardiment engagées par M. Vitta et l'Université Populaire. Les pères recevaient aux armées cette assurance récon-



fortante que, tandis qu'ils risquent leur vie pour la défense de la Patrie, leurs petits, privés de mères, ne seraient jamais abandonnés. ni maintenant, ni plus tard, au vice et à la misère.

Je viens de passer un jour à la colonie. Pour la première fois, depuis ces semaines terribles, je me suis trouvé loin de la mort, de tout ce qui l'attire et la provoque, de tout ce qui s'emploie à l'adoucir ou à atténuer ses coups.

Non pas que la colonie ne soit, au bord de la mer, qu'une récréation perpétuelle. La tendresse souriante que met en nous un groupe de petits enfants est retenue par cette idée inexorable que plusieurs d'entre eux sont déjà complètement orphelins. Le facteur, qui vient avant l'heure du goûter, n'apporte pas que des lettres qui recommandent d'être bien sages. Il remet aussi de ces plis jaunes, qu'on hésite à décacheter, qui vous laissent la tête basse parce qu'on a peur, au milieu du cercle des enfants, d'arrêter tout de suite ses yeux sur celui-là qui va pleurer et tourner dans la cour et se coller au mur, le front dans le coude, comme s'il avait mérité cette punition-là !

Mais la colonie, c'est l'avenir. En ces jours où les semailles sont rendues si difficiles par la guerre, cette œuvre de pitié et de justice apporte le salut de la race. C'est un peu de France qui continue, qui sortira des sacrifices quotidiens. C'est pour la liberté et le bien-être de ces enfants que nos soldats combattent et meurent.

Certes, les petits pensent plutôt à leur soupe du matin. Ils arrivent avant neuf heures dans le grand hôtel Hauville, par escouades qu'on distingue à la couleur de leur polo de laine. Petites filles avec un tablier noir, petits garçons avec des pèlerines, les pieds dans des souliers achetés pour l'été. Mais tous bien lavés, bien peignés, les joues roses du bon air et de la bonne nourriture. Ils arrivent et mangent leur soupe, et puis ils partent en promenade pour laisser le temps de nettoyer les tables, de transformer le réfectoire en salle d'études. Ils partent et voient la mer et les barques retour de la pêche. Ils défilent dans les rues du village, et les commerçants d'Etretat les regardent en souriant et les donnent en exemple à leur propre marmaille. Au début, ces commerçants furent légèrement inquiets : tant d'enfants de Paris qui allaient crier et marauder ! Mais les petits colons ont écouté les conseils des amis qui les surveillent, qui les conduisent. Eux qui,



à Paris, étaient chez eux dans les rues, ils se sont tout de suite habitués à l'ordre, à la docilité. Ils vont, les plus petits réglant la marche, et ils reviennent comme s'ils étaient allés promener leur appétit.

Puis, c'est la classe. Sept institutrices ont été déléguées par l'Inspecteur d'Académie. Elles vivent dans la colonie, avec la colonie qui assure elle même leur traitement, leur logement, leur nourriture. Ce sont de frêles jeunes filles, l'une rousse et l'autre brune, qui assurent le service de la Maternelle avec cette douceur où il y a l'autorité de la grande sœur et la tendresse de la maman. Au milieu des tout petits, elles parviennent à centraliser l'attention, comme si elles étaient le foyer rayonnant d'une lumière. Elles leur apprennent les gestes du forgeron, de la couturière, et le bruit de la mouche, et le vol de l'oiseau, et comment tombe la pluie. Un petit doigt qui frappe la paume d'une petite main, c'est la pluie qui tombe doucement. Deux petits doigts, c'est la pluie qui tombe plus fort, plus vite. En écartant brusquement les bras, c'est l'éclair. Vous pensez bien que toutes les petites mains déchainent un orage...

Dans une salle vitrée — L'éternelle salle à manger de l'hôtel qui donne sur la mer — les plus grands étudient sérieusement. Après la classe, comme une utile récompense, on chante. M<sup>me</sup> Francine Lorée-Privas, si douce et si fine, continue là, avec le prince des chansonniers, ce retour aux vieilles chansons de France, cette initiation à la chanson du peuple, dont tous deux se sont faits les apôtres généreux. Le diner suit la chanson, heureuse interversion des habitudes qui permet le coucher tranquille. Dans les lits des hôtels de la ville et des villas, c'est une vision de Christmas. Trois petites dorment sur le même oreiller. La grande sœur est nourrice de la cadette. Le plus petit frère est couché contre la ruelle. Il y a aussi des lits à double oreiller, aux pieds et à la tête, où des petits innocents dorment à l'abri des soldats d'Hérode.

Car il y a, dans la colonie, des pauvres petits qui ont vu les Allemands dans la ferme où ils étaient, aussi seuls que dans une forêt. Il y en a d'autres qu'on a envoyés, en hâte, avec leurs papiers d'identité épinglés dans la poche du tablier. Il y en a, de ces petits enfants, qui ont vu la guerre sans pouvoir donner la main à leur papa, sans



avoir une jupe de maman où se blottir. Et c'est voir trois fois la guerre.

Il y a enfin tous les enfants : les orphelins de l'*Avenir social* d'Épône, entretenu par le Syndicat des terrassiers, et les orphelins d'écoles libres, lesquels sont conduits le dimanche à la messe où ils prient pour leur papa. Il y a des petits Belges et des petits enfants du Nord. Il y a les petits Parisiens que le « taube » de l'avant-dernier dimanche a privés de leur maman. Ce n'est pas assez dire de la colonie que, selon les traditions de l'Université Populaire, elle est basée sur la plus large tolérance. L'accord, qui a réuni au Comité du Secours national Mgr Amette, le Président du Consistoire et le Grand rabbin, M. Lépine et M. Jouhaux de la C. G. T., M. Pujo et M. Buisson, qui a fait ce miracle de l'humanité devant l'ennemi. L'accord national est plus complet encore, si possible, à la colonie d'Etretat qu'à Paris. Je ne veux pas nommer les admirables collaborateurs de l'Université Populaire qui se sont réunis autour d'Emile Vitta, de M. et M<sup>me</sup> Xavier Privas, de M. et M<sup>me</sup> Delaisi, pour assurer gratuitement la surveillance, la nourriture, l'entretien des enfants de mobilisés. Un si complet dévouement ne veut avoir sa récompense que dans l'anonymat. Il faut noter, toutefois, pour qu'on sache bien la situation morale de la colonie, que les ménagères du faubourg Saint-Antoine y collaborent avec un sociologue comme M. Francis Delaisi, un romancier tel que Paul Brulat, avec la sœur et la nièce de M. Lévy, grand rabbin, avec M. Finaly, un artiste de l'Odéon, avec M<sup>me</sup> de Rudder, infirmière à la Croix-Rouge. Il faut dire aussi que l'un des surveillants les plus dévoués est M. Georges Yvetot, de la C. G. T., Georges Yvetot, le redoutable militant, qui n'est plus que « Papa Yvetot », pliant son buste d'insurgé pour mieux consoler les petits, soulevant le bord de son grand feutre pour mieux surveiller les grands — et, à ses heures libres, arpentant la plage, méditant sur le problème social et sa formidable incouneue. — Ce que fait, à la colonie, Georges Yvetot, un homme qui l'a vu à l'œuvre, qui s'est défié d'abord, qui s'est approché lentement, qui a été convaincu, a pu le dire au Comité national, si l'on a fait appel à son témoignage, c'est M. Durand, juge à la Cour d'appel de Paris. M. Durand présida naguère la Cour d'assises et connut, en d'autres



circonstances, Georges Yvetot, qu'il alla voir au milieu des enfants et auquel il serra la main avec une émotion profonde.

Car le Secours national, qui donne son appui à la colonie d'Etretat, ainsi que le Ministre de l'Instruction Publique, va être prié de bien vouloir augmenter un peu sa subvention. Malgré la plus grande économie, le budget de la colonie est en grande déficit, l'Université Populaire, qui a pris tant de frais à sa charge, ne saurait en supporter davantage. Et de nouveaux petits réfugiés ardennais et meusiens seront conduits, aujourd'hui même, à la colonie. L'administration des Chemins de fer de l'Etat prête un fourgon pour les bagages: mais que ce bagage est insuffisant! Et l'hiver est là. Il faut des vêtements chauds, des galoches, des livres à tous ces petits enfants dont les pères combattent pour la Patrie. Qui ne voudrait collaborer à une œuvre si belle, quel est l'enfant qui ne demandera pas à sa maman d'envoyer ses jouets aux petits amis qui n'ont pas de maman et dont le papa peut ne pas revenir? Enfin, qui ne voudra aider à faire les semailles à la colonie d'Etretat?

RÉGIS GIGNOUX.



# : Questionario :

**Q**ABEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escriptas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao **BOLETIM** e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quaes serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

## Respostas:

**A' pergunta sobre o teatro es-**  
**panhol.** — Comediografos e dramaturgos «vecinos» para poderem ser avaliados duma maneira generica e digna de registo, basta ler ou ver representar teatro de Jacinto Benavente e dos irmãos Quintero.

A obra do primeiro como dramaturgo impõe-se, ainda que a ver de muita gente verbi — gratia a minha humilde pessoa — seja exagerada a metonymia. «Ibsen hespanhol» para nos referirmos ao talentoso autor. Quanto aos irmãos Quintero com o tom accentuadamente meridional que dão ás suas comedias prenhes de vida, são uns auctores typicos infundiveis. Dos auctores referidos pode ler o que lhe vier á mão.

Alem destes contemporaneos, pode ler Peres-Galdós e Echegaray que não perde o seu tempo.

Dos antigos, muito caracteristicos, pode ler Calderon de la Barca e se não lhe chegar, lembre-se que Lope da Vega fez mais de 2000 peças de teatro, que se forem todas como uma que este seu creado viu repretar, são na realidade produções de espirito superior.

Se o impetrante não é sacer-

dote do deus Milhão, talvez lhe agrade obras a baixo preço; não posso precisar agora outras casas editoras, mas peça para Valencia o catalogo da casa Sempre & Comp.<sup>a</sup> que não perde nada, e eu, garanto-lhe não ganho cousa nenhuma. — *Socio efectivo* n.º 85.



**A' pergunta sobre jogos de**  
**azar.** — Comece por ler boas obras sobre calculo de probabilidades e por isso reporte-se a Poincaré, Bertrand, Ives Delage, etc, etc.

Com relação a sistemas para ganhar dirija-se á Redacção da Revue do Mont-Carlo que sem recursos de alta obstetricia, dá á luz numerosos livrinhos com sistemas fulminantes para ficar como Adão antes do pecado original.

Houve um portuguez, Dolivaes Nunes, que aperfeiçoou os trabalhos do enciclopedista d'Alembert sobre o assunto, e que são dignos de estudo.

Sobre se ha ou não sistemas ganhantes para todas as hipoteses, a discussão do problema não cabe nos limites desta secção, mas se fiser perguntas precisas talvez lhe responda. — *Socio efectivo* n.º 85.



# Balancête do mês de Dezembro de 1915

## DEVE (Receita)

Saldo do mês de Novembro .....		214\$59
<b>Subscritores:</b>		
Cobrança deste mês .....	113\$71	
<b>Efectivos:</b>		
Idem.....	12\$90	
<b>Subsidios:</b>		
Da Camara Municipal.....	20\$00	
Da Assistencia .....	15\$00	
Do Ministerio da Instrução .....	16\$66	51\$66
<b>Devedores e credores:</b>		
Antonio Manoel Rodrigues, s/ entrega p/c. .	1\$50	
<b>Publicações:</b>		
Vendas.....	5\$94	
<b>Donativos:</b>		
Cedencia das obrigações amortisadas conforme o livro respectivo.....	200\$00	
<b>Matriculas:</b>		
Neste mês .....	6\$50	
<b>Gastos gerais:.</b>		
Recebido de José Fernandes .....	1\$50	393\$71
		<u>608\$30</u>

## HAVER (Despeza)

<b>Rendas adiantadas:</b>		
Mês de Janeiro .....	35\$00	
<b>Obrigações:</b>		
Sorteadas n. <sup>os</sup> 2, 15, 3, 50, 14, 8, 72, 62, 69, 81, 6, 82, 16/45, 10, 13, 47, 74/78, 79, 80.....	265\$00	
<b>Propaganda:</b>		
Conta de Lamas & Franklin .....	3\$00	
» » » » » .....	8\$70	
» » Eduardo Rosa.....	21\$00	
» » Borges & Carvalho de clichés .....	14\$74	47\$44
<b>Biblioteca</b>		
Preparo de cartas geograficas .....	4\$00	
<b>Percentagens:</b>		
a José da Silva .....	6\$17	
a Evaristo Antunes. ....	6\$31	12\$48
<b>Gastos gerais:</b>		
Deste mês.....	66\$17	
<b>Donativos:</b>		
A' Assistencia Infantil de Santa Izabel....	5\$00	435\$09
Saldo para Janeiro.....		<u>173\$21</u>
		<u>608\$30</u>